

EXPERIENCIAS DEL EXILIO POLÍTICO EN “LIXO E PURPURINA”, DE CAIO FERNANDO ABREU¹

NATAN SCHMITZ KREMER²

RESUMEN

En esta ponencia se planea presentar las experiencias de exilio político en el cuento “Lixo e Purpurina”, del escritor brasileño Caio Fernando Abreu. En una presentación del texto, el autor nos dice tratar de una narrativa que mezcla la ficción con autobiografía, escrita en 1974, cuando vivía en Londres por consecuencia de la dictadura militar brasileña (1964-1985). El texto se establece, pues, en forma de diario, donde mimetiza las experiencias de la vida en otra ciudad y la construcción de estrategias de sobrevivencia en la pobreza y en el nomadismo. A lo largo del texto, afirma que otros diarios de este tiempo fueran escritos, pero que no los pudo traer a Brasil en su retorno, en el mismo 1974. Se puede encontrar otras consideraciones sobre el exilio, todavía, en cuentos como “Paris não é uma Festa” o “Holocausto”, con los cuales se dialoga en la ponencia. El análisis de esos textos nos han permitido ver la creación de redes con otros brasileños que se encuentran en la misma situación, y forman una camada de intelectualidad brasileña que se relaciona en el exterior. Posibilita aun pensar en las relaciones con la gente que se queda en Brasil, trayéndonos una mirada compleja de la experiencia del exilio político a pensar no solo el proceso de ir, pero también el venir, o sea, las experiencias del volver al país después del exilio, a parte de la manutención del dialogo con personas que aquí se quedan. Apunta, pues, para las experiencias de una vida sin derechos, por consecuencia de un golpe de Estado.

1 Este texto foi originalmente publicado na jornada acadêmica Raízes Latinoamericanas de los Derechos Humanos, nos dias 3 e 4 de novembro de 2016 na Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación da Universidad da República, Montevideo. Agradeço a Associação de Universidades Grupo Montevideu pela bolsa de intercambio que possibilitou minha estadia na cidade ao longo do segundo semestre de 2016.

2 Estudante do curso de graduação em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou intercambio na Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación e na Facultad de Ciencias Sociales, ambas da Universidad de la República, Montevideo, através do programa Escala Estudante de Grado, da Asociación Universitaria Grupo Montevideo. Desenvolveu pesquisas junto ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/LAS/CFH/UFSC) e Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/MEN/CED/UFSC). CV Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1907411885488417>>. <natan_kremer@hotmail.com>.

Palabras clave: Caio Fernando Abreu; Exílio político; Dictadura militar; Literatura.

LITERATURA, MÍMESIS, CIÊNCIAS SOCIAIS

Em entrevista cedida a Giovanni Ricciardi, Caio Fernando Abreu (2009) comenta sobre seu processo criativo. Escrevendo diários há muitos anos, desde a infância, grava nestes cadernos frases, imagens, nomes que, na sequência, saem, segundo o autor, de um *plano do inconsciente* e passam a ser trabalhados na *racionalidade*. É dizer: traz insights de um plano inconsciente e desenvolve-os em texto, através de seus diários.

Outra característica de sua produção, segundo o próprio Caio Fernando Abreu (2009, p. 180-181), é o que se coloca enquanto problema da experiência literária. Ele afirma que “ao escrever eu tenho a preocupação racional de documentar o mundo contemporâneo. (...) é uma literatura mal-comportada, esquisita, diferente, neurótica, drogada. Eu sinto que estou tentando dar forma e voz a esse Brasil mal-comportado e isso não é muito aceito”.

Ou seja, o que o autor propõe em seus escritos literários são possibilidades de mimesis da vida social de um Brasil “mal-comportado”, trazendo essas vozes subalternas para a experiência da literatura formal. Ou seja, em suas construções literárias o autor apóia-se em uma noção narrativa que, como já apontava Walter Benjamin (1983), é marcada por um lugar da experiência – podendo esta ser vivida ou aprendida pelas experiências dos demais, transformando em texto este conhecimento sobre a sociedade, a política, a subalternidade, sobre a vida.

Percebemos, ao longo da narrativa de Caio Fernando Abreu, em seus textos que apresentam cenas do exílio, esta experiência da subalternidade política mimetizada em texto, e é neste ponto em que a presente apresentação se justifica: pretende-se, pois, buscar compreender, através de escritos literários, as memórias e experiências do exílio político em decorrência da ditadura militar brasileira. Ou seja, pensar nas potencialidades de resistência, de micropolíticas (FOUCAULT, 2014), em uma experiência de vida desnuda (AGAMBEN, 1995) gerada por um estado de exceção.

O (AUTO) EXÍLIO

No extenso fragmento abaixo compilado, o autor nos apresenta a forma como chegou ao auto-exílio na Europa, passando pela Espanha, França, Suécia, Alemanha, Amsterdã e, por fim, residindo por mais de um ano em Londres.

[Em 1968] a Editora Abril fez em todo o Brasil uma seleção de cem pessoas para dar início a essa revista [Veja]. Eu me inscrevi nesse concurso (...) e fui selecionado para a equipe final. Com 19 anos eu vim para São Paulo para trabalhar na revista. São Paulo em 1968 estava explodindo, o país estava explodindo, foi o ano do AI-5 [Ato Institucional nº 5, que produzir o período de maior censura na ditadura militar brasileira], foi o ano do movimento tropicalista, foi o começo do movimento hippie. Então eu, muito ingênuo, tinha 19 anos, comecei a frequentar reuniões de

grupos, achando tudo muito bonito, muito heróico, mas eu não sabia direito do que se tratava (...). Então eu costumava ir a reuniões no Teatro Ruth Escobar, assinava manifestos, fazia passeatas junto com as pessoas de um espetáculo da época chamado Roda Viva (...), ia a todas as reuniões, mas ideologicamente eu não sabia direito o que estava fazendo, era uma coisa mais juvenil, de paixão. (...) [E] o DOPS bateu na Veja, onde eu trabalhava, à minha procura, e eu fugi. Fui para a fazenda, em Campinas, da escritora Hilda Hilst, e fiquei lá cerca de um ano. Minha vida enlouqueceu um pouco, eu tinha 20 anos. Depois fui para o Rio e comecei a tomar droga, muita maconha, muito ácido. (...) E fiquei um tempo no Rio, voltei à fazenda da Hilda, voltei a Porto Alegre, me reuni com um grupo de teatro, fazíamos criações coletivas. Fiquei cerca de um ano lá, trabalhei um pouco em jornal, ganhei um concurso com o conto chamado 'Visita' e com o dinheiro fui à Europa, em 1972. Espanha, um pouco de Paris, uns quatro meses na Suécia, trabalhando como lavador de pratos, Alemanha, Amsterdã, Londres. Fiquei mais de um ano morando em Londres. Voltei ao Brasil no começo de 1975. (ABREU, RICCIARDI, 2009, p. 176-177).

LIXO E PURPURINA – DIÁLOGOS COM A CIDADE

Na experiência do exílio político de Caio Fernando Abreu, a prática de escrita de diários, desenvolvida ao longo de grande parte de sua vida, também se mantém. Um dos problemas em seu retorno ao Brasil trata-se da impossibilidade de deslocamento destes diários ao país³. Afirma o autor que muitos se perderão, sendo poucos os que atravessam o oceano no retorno ao Brasil.

Destas páginas sobre o exílio, podemos ver o surgimento de diversos contos, como *Paris não é uma festa* (1977b), *Holocausto* (1977a), *London, London ou Ajax*, *Brushand Ribbish* (1996). Diferentemente destes três textos, encontramos em *Lixo e Purpurina* (2010) a manutenção da estrutura de diário onde, em um preâmbulo, o autor escreve que

De vários fragmentos escritos em Londres em 1974 nasceu este diário, em parte verdadeiro, em parte ficção. Hesitei muito em publicá-lo – não parece 'pronto', há dentro dele várias linhas que se cruzam sem continuidade, como se fosse feito de bolhas. De qualquer forma, talvez consiga documentar aquele tempo com alguma intensidade, e isso quem sabe pode ser uma espécie de qualidade? (ABREU, 2010, p. 97).

Ao longo destas páginas, encontramos diversos elementos que apontam para a experiência do exílio e, mais especificamente, a relação com a cidade e a construção de um sentido de cidade, o que, para Michel de Certeau (1994), se dá nas práticas de convívio com o espaço, pelas caminhadas pelas ruas e através da criação

3 Chegando ao aeroporto, cobram-lhe 30 libras para o pagamento do excesso de bagagem, mas afirma ter apenas 5 consigo. Deste modo, abandona “os panos indianos, os livros de Tarot, Macrobiótica, Alquimia, Astrologia, o vaso chinês, as duas bonecas, a bailarina e a camponesa, a chaleira Rudolpha Elizabeth. E os diários todos da Espanha, França, Suécia, Holanda, os primeiros tempos de Londres” (ABREU, 2010, p. 122-123).

de memórias, experiências, reconhecimentos e relações que passam a marcar o caminho, as caminhadas, e constroem o espaço-cidade de forma subjetiva⁴:

A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que “fala”. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, e repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidade que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. Indefinida diversidade dessas operações enunciadoras. Não seria portanto possível reduzi-las ao seu traçado gráfico (DE CERTEAU, 1994, p. 179).

O fascinante do texto de Caio Fernando Abreu (2010, p. 103) é apontar para pequenos elementos que mostram como esta construção de um conhecimento da cidade vai se materializando e produzindo práticas e ações junto ao grupo. Escreve que “compramos o ticket do metrô, essa hora é perigoso andar sem pagar, tem muita fiscalização”, e vai-se descobrindo os caminhos e descaminhos na vida na cidade, suas técnicas e estratégias de vida.

Embora Michel de Certeau (1994) e Michel Agier (2011) não tenham concepções tão próximas sobre a cidade, nos parece interessante pensar, a sua vez, como estas experiências da cidade marcam, também, experiências de contrastes entre grupos e segregações. Ainda no conto Lixo e Purpurina, Caio Fernando Abreu (2010) nos apresenta disputas com a polícia envolvendo o onde morar, e a problemática da residência leva aos conflitos do viver com pessoas desconhecidas em casas abandonadas e ocupadas ao esmo por estes exilados. Há conflitos que marcam este local, como já aponta Michel Agier (2011) quando pensa nos campos de concentração: são espaços comuns, divididos entre muitas pessoas que partem de perspectivas distintas de vida, mas que, neste momento, são obrigadas a se juntarem e, embora necessitem compartilhar espaços comuns, passam a construir identificadores que marcam diferenciações entre grupos e posicionamentos. Se constituem, então, fronteiras simbólicas e materiais entre os que ocupam o espaço compartilhado. No conto Holocausto (1977b) Caio Fernando Abreu volta à cena originalmente relatada em um destes diários e a descreve da seguinte maneira:

É preciso falar também nos outros. E na casa. Eu estava tão absorvido pelo que acontecia em meu próprio corpo que nada em volta me parecia suficientemente real. A casa, os outros. Quando percebi que eles existiam — e eram muitos, doze, treze comigo —, já meu corpo estava completamente tomado. E temi que me expulsassem. Não tínhamos luz elétrica, o sol tinha-se ido havia algum tempo, os dias eram curtos e escuros, dormíamos muito e, quando acendíamos aquelas longas velas que costumávamos roubar das igrejas, a chama não era suficiente para que pudessemos ver uns aos outros. E também havia muito tempo não nos olhávamos nos olhos. Somente há uma semana — como fazia muito frio e precisássemos de lenha para a lareira — fomos obrigados a queimar os móveis do andar de cima. As

4 Cabendo ressaltar, como aponta Néstor García Canclini (2015), que este espaço é apropriado e significado de diferentes formas pelas diferentes pessoas/grupos de pessoas.

chamas enormes duraram algumas horas. Creio que movido pela esperança de que a luz e o calor pudessem amenizar a dor e secar as feridas, aproximei-me lentamente do fogo. (ABREU, 1977b).

É interessante pensar, também, nas relações que aponta Caio e que possibilitam o surgimento de redes de intelectuais brasileiros que compartilham a situação do exílio e que, ao voltaram para o Brasil – seja com o começo da abertura, ou com o fim da ditadura civil militar – passam a formar um grupo de intelectuais – mesmo que alguns com mais respaldo social, como Chico Buarque e Caetano Veloso, na música, e alguns em posições mais periféricas, como o próprio Caio Fernando Abreu na literatura - para o país, passando pelo campo da musica, literatura, teatro e artes visuais. É dizer: a experiência de uma subjetividade compartilhada neste momento de exílio político parece gerar a criação de redes de intelectuais que, ao retornarem ao país, se mantém e criam uma nova noção para pensar o Brasil através do campo da arte e do campo da política. Sobre estas relações que se estabelecem, o autor escreve:

Hoje é dia de mudar de casa, de rua, de vida. As malas sufocam os corredores. Pelo chão restam plumas amassadas, restos de purpurina, frangalhos de echarpes indianas roubadas, pontas de cigarro (Players NumberSix, o mais barato). Chico toca violão e canta London, London: no, nowhereto GO. Poucos ainda sorriem e olham nos olhos.

Hoje é dia, mais uma vez, de mudar de casa e de vida. Os olhos buscam signos, avisos, o coração resiste (até quando?) e o rosto se banha de estrelas dormidas de ontem, estrelas vagabundas encontradas pelas latas de lixo abundantes de London, London, Babylon City. (ABREU, 2010)

Ou seja, nestas páginas estamos frente a uma sequencia de figuras que compartilharam a experiência do exílio e produziram sobre esta, como a música de Caetano Veloso, interpretada por Chico – possivelmente Buarque.

PARIS NÃO É UMA FESTA - RESISTÊNCIAS

Mas Paris não é uma festa! Neste conto (ABREU, 1977a), o autor aponta para a falta de sincronia de interpretações da experiência do exílio. Ao voltar ao Brasil, o personagem encontra uma editora amiga sua. Em uma conversa marcada pelo silêncio, ela pergunta ao autor das maravilhas de Paris, ao qual responde, enfático: Paris não é uma festa. Vejamos:

— Então — disse —, tenho tanta coisa para perguntar que nem sei por onde começo. Fale-me de lá... Ele não disse nada. Estava começando a ficar nervosa. — Paris, por exemplo, fale-me de Paris. — Paris não é uma festa — ele disse baixo e sem nenhuma entonação. — É mesmo? — ela conteve a surpresa. — E que mais? Conte... Ele terminou o café, estendeu a xícara até a mesa e cruzou as mãos. (ABREU, 1977b).

O fragmento aponta para a confusão existente nas pessoas que consideram o exílio como uma experiência de viagem, turística, de busca pelo self, talvez. O que o

narrador aponta, por outro lado, é para o sofrimento da obrigatoriedade de se deslocar a outro país, precisando abandonar toda a vida e, lá, reconstruir possibilidades de existência. Como visto anteriormente, não tinha uma casa onde hospedar-se, sempre migrando de casa em casa, ocupando construções abandonadas e, por consequência, sem energia elétrica, sem calefação, sem sistema de água, podendo ser expulso, junto com seus colegas, mas também com os desconhecidos que habitam a mesma casa, pela polícia.

Nem sempre tinha um trabalho com o qual poderia adquirir uma renda, levando a necessidade de subempregos temporários, como trabalhos domésticos, seja na limpeza ou como babá, trabalho como modelo vivo para aulas de desenho, os dias pedindo dinheiro pelas ruas, nas entradas do metrô. É dizer: trata-se de uma experiência de exclusão, de vida desnuda, se pensarmos através dos conceitos de Giorgio Agamben (1995): é a experiência da vida sem direitos, sem valor para o Estado, sem valor social, apenas corpo, sem estatuto. Comunga, no exílio, com o abandono e a censura, com a miséria, com os restos. Vive em casas abandonadas, sem calefação, sem alimentação, sem dinheiro: sem direitos.

Deste modo, nos cabe perguntar como se criam resistências, biopolíticas (FOUCAULT, 2014), estratégias para a vida. E através de seus fragmentos, encontramos pequenos momentos de agenciamento, de possibilidade, de fantasia e ironia se mesclando.

Tão completamente sento e espero que quase acredito ir além deste estar sentado no meio de escombros, hereandnow esperando Zé chegar com a notícia de que conseguiu a casa graças aos poderes de Jack na região de Victoria, Pimlico. Só espero, não penso nada. Tento me concentrar numa daquelas sensações antigas como alegria ou fé ou esperança. Mas só fico aqui parado, sem sentir nada, sem pedir nada, sem querer nada.

As crianças sujas e ranhentas da casa ao lado vêm perguntar se somos ciganos: are yougypsies? Sylvia mente que sim – from Yugoslavia, diz, agita no as o pandeirinho com fitas e finge dançar e ler as linhas das mãos das crianças. Gosto tanto desse jeito que Sylvia tem de aliviar as coisas. (ABREU, 2010, 99).

Sylvia alivia as tensões, cria personagens, aceita estigmas, manipula identidades. E, fazendo isso, busca, anseia, encontra-se na tentativa de aliviar as tensões da espera, a casa ainda não conquistada, a esperança de que, enfim desta vez, funcione. E caminha, com leveza – resistência! – a rir das e com as crianças.

CONSIDERAÇÕES

Como vimos ao longo deste ensaio, o narrador em sua escrita mimética apontará para uma concepção complexa do aprendizado da cidade (DE CERTEAU, 1994) em experiências de subalternidade, aqui trabalhando-se especificamente com exílio político

conseqüente da ditadura civil militar no Brasil, privando estes sujeitos politicamente censurados de acesso aos direitos humanos básicos.

Como o fragmento exposto do conto Holocausto – em uma comparação com o regime totalitarista alemão –, em uma casa ocupada por sujeitos diversos e desconhecidos, sob o risco de expulsão policial, os sujeitos não tem condições de se aquecer em um inverno cruel de Londres. Na lareira lançam os móveis que queimam, até que já não haja nenhum móvel para poder alimentar o fogo. Metaforicamente, um corpo se joga às chamas, para que possa manter a temperatura no ambiente para os demais.

Buscou-se apresentar elementos que induzissem para a criação de um rede de intelectuais brasileiros no exílio político em Londres, apontando para as ideias de resistência e biopolítica (FOUCAULT, 2014) na construção de redes de apoio e auxílio frente a estas situações de vida desnuda (AGAMBEM, 1995). Identificamos que, com o retorno ao Brasil, estas redes são novamente atividades e constituem – em maior ou menos grau – as facetas da vida cultural nacional em um boom da expressão cultural brasileira nos subseqüentes anos 1980 e 1990.

REFERÊNCIAS

- ABREU, CAIO FERNANDO. Lixo e Purpurina. In **Ovelhas Negras**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- . London, London ou Ajax, Brush and Ribbish. In **Estranhos Estrangeiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- . Holocausto. In **Pedras de Calcutá: contos**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977a.
- . Paris não é uma festa. In **Pedras de Calcutá: contos**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977b.
- . RICCIARDI, GIOVANNI. Entrevista com Caio Fernando Abreu. In **Biografia e Criação Literária** (v.7). UNISUL, 2009.
- AGAMBEM, GIORGIO. **Homo Sacer I** – El poder soberano y la nuda vida. Valencia: Pretextos, 1995.
- AGIER, MICHEL. **Antropologia da Cidade** – lugares, situações, movimentos. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.
- BENJAMIN, WALTER. (1983). O Narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskow. In **Os Pensadores**. 2ª Ed. São Paulo: Abril Cultural.
- CANCLINI, NÉSTOR GARCIA. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2015.
- DE CERTEAU, MICHEL. **A Invenção do Cotidiano I** – artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, MICHEL. **História da sexualidade 2** – o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.